

CÁSSIO MURILO DIAS DA SILVA
com a colaboração de especialistas

METODOLOGIA DE EXEGESE BÍBLICA

PAULINAS

•a1

Delimitação do texto

A namorada do Zeca deu uma festa de aniversário. A certo ponto, os convidados resolveram fazer um concurso de calouros e o Zeca ficou encarregado de tocar. Alguns, porém, não conseguiam entrar no compasso e acabavam desafinando. O Zeca resolveu a questão assim: ele fazia uma pequena introdução e tocava algumas notas de forma bem marcada. Assim, os "cantores" ficavam sabendo a hora de começar.

...E a Bíblia?

Teriam os hagiógrafos deixado marcas no texto sagrado, informando-nos acerca do início e do fim de uma perícopé? Será que nós conseguimos identificar e avaliar com clareza esses indícios?

I. OS LIMITES DO TEXTO

Conforme afirmáramos no primeiro capítulo, uma das qualidades de um texto é a sua delimitação, isto é, ele precisa ter começo, meio e fim. Delimitar um texto, portanto, significa estabelecer os limites para cima e para baixo, ou seja, onde ele começa e onde ele termina. O trecho da Escritura resultante dessa delimitação recebe o nome de "perícopos".

Em geral, nossas edições da Bíblia já trazem os livros divididos em perícopos, cada uma delas ostentando um título. No entanto, nem o título nem a divisão constam no original:

ambos, divisão e título, são definidos pelos editores. Em tal trabalho editorial, podem ocorrer dois fenômenos. No primeiro, pode-se quebrar uma unidade textual, isto é, pode haver uma má delimitação das perícopos, e, em consequência, isolam-se versículos de seu contexto. O segundo fenômeno é oposto ao primeiro: perícopos que, claramente, deveriam ter sido separadas encontram-se agrupadas sob o mesmo título. Se compararmos várias edições da Bíblia, sentiremos que, por vezes, faltou um maior cuidado quanto à delimitação dos textos. Em decorrência, os títulos são infelizes e insustentáveis. Três casos pinçados e confrontados:

a) Ecl 4,1-5,8. As divisões e os títulos atribuídos ao livro do Eclesiastes são muito insólitos e genéricos. Quanto aos versículos do exemplo ora proposto, a *Bíblia de Jerusalém*¹ os considera como uma única perícopos sob o título "a vida em sociedade", embora a nota *d*, referente ao título, apresente as várias "misérias da vida em sociedade: opressão pelo abuso do poder e desamparo do homem isolado (4,1-12); maquinações políticas (3²,13-16); religiosidade motivada pelo espírito de massa e abuso na prática de fazer promessa (4,17-5,6); tirania do poder (5,7-8)". Apesar da imprecisão, por que apresentar essa divisão na nota e

¹ *A BÍBLIA de Jerusalém*. 5 impr. São Paulo, Pauis, 1991.

² Aqui há um erro que passou despercebido aos revisores da edição brasileira da *Bíblia de Jerusalém*. Claramente, o capítulo é 4, e não 3.

não no texto? A *João Ferreira de Almeida*³ é ainda mais problemática. A primeira discrepância refere-se à própria numeração dos versículos. Seu versículo 5,1 corresponde ao 4,17 das outras duas bíblias comparadas. Quanto à divisão em perícopes e respectivos títulos, temos: 4,1-16 ("*os males e as tribulações da vida*"); 5,1-20 ("*vários conselhos práticos*"). Por sua vez, a *TEB*⁴ apresenta um trabalho mais acurado quanto à divisão em perícopes, mas os títulos continuam questionáveis: 4,1-3 ("*a sorte dos oprimidos*"); 4,4-6 ("*o trabalho e seus riscos*"); 4,7-12 ("*a solidão e os seus inconvenientes*"); 4,13-16 ("*o poder político e seus riscos*"); 4,17-5,6 ("*o gesto ritual e seus riscos*"); 5,7-8 ("*a autoridade necessária e seus abusos*").

b) Lc 14,25-35. Na *Bíblia de Jerusalém*, os w. 28-33 ("*renúncia a todos os bens*"), estão separados dos w. 25-27 ("*renunciar ao que temos de mais caro*"). Tal divisão, no entanto, quebra um texto muito bem elaborado e cuja unidade foi mantida pela *TEB* ("*renunciar a tudo para seguir Jesus*") e pela tradução de *João Ferreira de Almeida* ("*parábola acerca da previdência*"). Esta última, no entanto, inclui na mesma perícope os w. 34-35, que deveriam ser destacados, como o fazem a *Bíblia de Jerusalém* ("*não se tomar insofista*") e a *TEB* ("*não perder o sabor*").

c) Jo 10,1-21. Ainda mais sofrível é o tratamento recebido por este trecho do quarto evangelho. Insiste-se em dar um título genérico a todo este trecho — "*o bom pastor*" (*Bíblia de Jerusalém*), "*a parábola do pastor*" (*TEB*); "*Jesus, o bom pastor*" (*João Ferreira de Almeida*) —, no mínimo, desprezando o v. 7, no qual Jesus afirma *èytù el[iL T) Oúptx TÛV -iïpoÇ&wv* [*eu sou a porta das ovelhas*]. Saiu-se melhor a equipe responsável pelo *Novo Testamento - Tradução Oficial da CNBB*⁵: 10,1-6 ("*a parábola do rebanho*"); 10,7-10 ("*Jesus, a porta*"); 10,11-21

³ *A BÍBLIA Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzida em português por João Ferreira de Almeida*, ed. rev. e cor. Lisboa, Sociedade Bíblica, 1988.

⁴ *BÍBLIA - Tradução Ecuménica*. São Paulo, Loyola/Paulinas, 1994.

⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Novo Testamento - Tradução Oficial da CNBB*. São Paulo, Paulinas/Loyola, 1997.

("Jesus, o pastor"). Mas em todas essas edições, os vv. 19-21 não foram, como deveriam ser, considerados à parte, pois nitidamente se referem ao episódio narrado no cap. 9, e não às três parábolas (nem mesmo especificamente à última delas) intercaladas neste ponto do evangelho (cf. 10,21).

Os exemplos poderiam se multiplicar indefinidamente, quer confrontando outras traduções, quer comparando outros textos. Esses três exemplos, porém, bastam para nos deixar claro quanto as divisões e os títulos que aparecem nas traduções da Bíblia carecem de critérios sólidos e demonstram-se, por vezes, aleatórios.

Ora, é verdade que os autores bíblicos não dividiram explicitamente suas obras. No entanto, não nos abandonaram "no mato sem cachorro". Antes, deixaram alguns indícios, a fim de evidenciar onde começa e onde termina determinada perícope. Tais indícios divisores de texto não devem se limitar apenas à língua original, mas devem, igualmente, fazer parte da tradução.

2. CRITÉRIOS PARA A DELIMITAÇÃO DO TEXTO

2.1. Elementos que indicam um novo início

Ao iniciar um novo relato ou um novo argumento, o autor precisa chamar a atenção do leitor para esse fato. Para tanto, lança mão de alguns recursos de abertura ou de focalização:

a) Tempo e espaço:

Como todo episódio narrado se desenvolve dentro dessas coordenadas, tempo e espaço são indícios importantes. O tempo pode indicar o início, a continuação, a conclusão ou a repetição de um episódio. O espaço, por sua vez, localiza fisicamente a ação e dá a noção de movimento (2Sm 11,1; 2Rs 4,38; Mt 2,1; 4,1; 8,5; Mc 16,1; Lc 1,5).

b) Actantes ou personagens:

Em textos narrativos, a nova ação pode se iniciar com a chegada, a percepção ou a mera aparição de um novo persona-

gem, ou com a atividade de alguém que até agora estava inativo (Ex 2,1; 2Rs 4,42; Mc 7,1; Lc 1,26).

c) Argumento:

Podemos identificar uma nova perícope pela mudança de assunto, muitas vezes, introduzido por fórmulas de passagem:

"finalmente...", "quanto a...", "a propósito de...", "por essa razão..." (ICor 12,1; 2Tm 4,6). Às vezes não acontece uma mudança de argumento, mas apenas de perspectiva. Nas cartas paulinas, é muito comum o uso da diatribe (o argumentador introduz um interlocutor fictício, com o qual mantém uma discussão e responde a questões que tal personagem propõe) para assinalar essa passagem (Rm 7,13; 11,1).

d) Anúncio de tema:

Alguns textos retóricos, ao término de uma parte da argumentação, introduzem ou antecipam os assuntos que serão tratados a seguir. Um bom exemplo é Hb 2,17-18, que anuncia o próximo tema, Jesus Cristo como Sumo Sacerdote fiel e misericordioso, que será tratado em 3,1-5,10.

e) Título:

Alguns autores deixaram explicitamente o título que demarca uma parte importante de seu escrito (Is 21,1.11.13; Ap 2,1.8.12).

f) Vocativo e/ou novos destinatários:

Um novo oráculo profético ou uma nova mensagem podem ser demarcadas por um vocativo que explicita a quem tais palavras são dirigidas. Esses destinatários podem ser os mesmos de até então (Gl 3,1; Uo 4,1.7), ou destinatários novos (Os 5,1; Jl 1,13; Ap 2,1.8.12). Esses mesmos indícios podem evidenciar uma nova fase da argumentação (Ef 5,22.25; 6,1.4.5.9).

g) Introdução ao discurso:

Como o próprio nome diz, introduz a fala de um dos personagens (Jó 6,1; 8,1). Mas, algumas vezes, pode funcionar

como separação entre algo ocorrido ou contado pelo personagem e o comentário que este mesmo personagem faz a respeito (Lc 15,7.10; 18,6.14).

h) Mudança de estilo:

O texto pode sofrer uma ruptura quando o autor mescla dois tipos diferentes de exposição. É o que acontece quando se passa do discurso para a narrativa (Mt 10,4-5), da prosa para a poesia (Jz 5,1; Fl 2,5-6), ou da poesia para a prosa (Jz 5,31; Mt 11,1-2; Fl 2,11-12).

2.2. Elementos que indicam o término

Ao término do episódio ou do argumento, outros indícios nos informam que a conclusão está próxima.

a) Actantes ou personagens:

O número de personagens pode ser multiplicado, de modo a obscurecer o foco (Mc 1,45; Lc 5,15), ou mesmo reduzido, de modo a provocar uma mudança na focalização (Mt 17,19; Mc 9,28).

b) Espaço:

A narrativa pode ficar igualmente desfocada por causa de um deslocamento do tipo partida (2Sm 19,40; At 12,17) ou de uma extensão (Mc 1,39; At 14,6-7).

c) Tempo:

Informações temporais também podem indicar que a ação narrada está acabando. Pode acontecer a expansão do tempo, que dispersa nossa atenção (Nm 20,29; IRs 10,25; At 10,48), bem como o chamado "tempo terminal", com o qual o autor dá a narrativa por concluída (Gn 32,22; Jo 13,30; At 4,3).

d) Ação ou função do tipo partida:

Trata-se daquela ação ou função expressa por verbos como sair, despachar, expulsar: alguém (normalmente o personagem pivô dos acontecimentos narrados) sai de cena, separando-se dos demais (ISm 16,23; Mc 8,13; At 9,25).

e) Ação ou função terminal:

Terminais são aquelas ações ou funções do tipo morrer, sepultar, bem como as reações decorrentes do episódio narrado, tais como rezar, admirar-se, ficar angustiado, converter-se, temer, glorificar a Deus etc. (Gn 49,33; At 5,5-6; Mt 9,8).

f) Ruptura do diálogo:

Muito frequente em relatos que envolvem uma controvérsia, o último a falar é o herói (profeta, Jesus, apóstolo). Isso ocorre porque chegamos ao clímax da discussão. O protagonista do episódio profere uma palavra tida como final. Pode ser uma questão retórica que ficará em aberto, uma citação da Escritura, ou um dito ao estilo sapiencial. As vezes, o autor somente acrescenta uma breve conclusão redacional (Lc 14,5-6; At 11,17-18).

g) Comentário:

O narrador pode interromper sua exposição para fazer algumas observações que dão o sentido do relato (Jo 2,21-22; 20,30-31), ou para expor o sentimento dos personagens (Jo 2,24-25).

h) Sumário:

Típico do expediente redacional do hagiógrafo, o sumário pode ser considerado, em si mesmo, uma breve perícopé, na qual o autor interrompe a narrativa para apresentar, de modo resumido, aquilo que acabou de expor (Lc 3,18; Jo 8,20), ou para abreviar o tempo e, assim, chegar logo ao episódio que interessa (Lc 2,51-52)⁶.

⁶ Tomaremos a falar dos sumários no capítulo oitavo, ao tratarmos dos critérios da Crítica da Redação.

2.3. Elementos que aparecem ao longo do texto

Neste último grupo, arrolamos elementos cuja função não se reduz a assinalar o início ou o fim, mas a imprimir ao texto certo ritmo ou dinâmica. Podem aparecer simultaneamente no início e no fim da perícopa, ou mesmo ao longo do seu desenvolvimento.

a) Ação:

Normalmente constituída por princípio, meio e fim, a ação é o núcleo de qualquer narrativa. Novas indicações de tempo, espaço e personagens, geralmente, são completadas com o início de uma nova ação (Gn 18,16; Jz 2,6; ISm 19,11; Mc 6,17).

b) Campo semântico:

Grupo de palavras cujos significados estão de alguma forma relacionados, normalmente por terem uma referência comum (tema, ideia, ambiente). Numa perícopa, pode funcionar como pano de fundo para o relato ou o argumento, mesmo que não seja utilizado explicitamente. Génesis 22,6-10, utiliza palavras do campo semântico "sacrifício": lenha, fogo, cutelo, cordeiro, altar.

c) Intercalação:

Às vezes, uma ação iniciada pode ser interrompida para ser retomada mais na frente. Em decorrência, temos um episódio dentro do episódio, como se fosse um sanduíche. É uma técnica muito comum em Marcos (3,1-3.4-5a.5b-6; 5,21-24.25-34.35-43), às vezes para preencher o arco de tempo entre dois acontecimentos (Mc 3,21.22-30.31: os parentes de Jesus partem de Nazaré no v. 21, mas só chegam a Cafarnaum no v. 31; nesse meio tempo, Jesus entabula uma controvérsia com as autoridades judaicas, nos vv. 22-30).

d) Inclusão:

Uma palavra, uma frase ou um conceito presente no início reaparece no fim e funciona como um enquadramento, que delimita e encerra tudo o que ficou "incluído" entre elas (SI 8,2.10; Am 1,3.5; Mt 5,3.10).

e) Quiasmo:

Quando uma sequência de palavras, frases ou ideias reaparece em forma invertida (Is 6,10). Também perícopes podem estar agrupadas em forma quiástica (2Sm 21,1-14[a]; 21,15-22[b]; 22[c]; 23,1-7[c']; 23,8-39[b']; 24[a']). Por vezes, no centro do quiasmo, encontra-se um elemento isolado, sem outro correspondente (Is 53,4-5a). A técnica do quiasmo pode servir para evidenciar a importância do(s) elemento(s) que está(ão) no centro (Lc 4,16c-20a). No entanto, há outro uso do quiasmo: assinalar a reversão da situação inicial. Neste caso, o que realmente importa não é o que está no centro, mas a mudança ocorrida. O elemento central é apenas o fator que provoca ou explica tal processo (Lc 11,8).

Tal elenco poderia, ainda, incluir vários outros critérios. Estes, no entanto, oferecem um instrumental suficiente para iniciarmos nosso trabalho. Precisamos, agora, aprender a utilizá-los. Para isso, nada melhor do que um caso concreto.

3. UM EXEMPLO

Vamos, agora, aplicar tudo isso a Marcos 4,35-41.

A delimitação da perícopa não é problemática, pois, para tanto, concorrem vários fatores.

Os vv. 33-34 são um **sumário conclusivo** da seção das parábolas.

No v. 35, temos um novo início assinalado, em primeiro lugar, pela **mudança de estilo**, isto é, deixa-se o discurso para iniciar uma narrativa. Temos também uma **dupla indicação temporal** (*w ÉKÉLVΤ*) TT] T)|J.épK òi|JLttç yçvo^évriç [*naquele dia, quando se fez tarde*]) e a palavra imperativa de Jesus ordenando uma **mudança espacial** (*ōieÀ.ecû^ev elç TO népttv* [*atravessemos para a outra margem*]), embora o episódio se desenrole a meio caminho. Com todas essas coordenadas uma **nova ação** é desencadeada.

O v. 41 encerra essa perícopé com uma **ação terminal do tipo temor e questionamento** (ἐ(j)opr|9r|ocw ()όpov [*isyav ... T (.ç tptt OUTÓÇ èoTir... [ficaram muito amedrontados ... Quem é este, afinal?...]*), típico dos relatos de milagre. Em 5,1, conclui-se a travessia ordenada por Jesus em 4,35 e temos um novo início assinalado por um **novo espaço** CK(U fXQov elç TO Trepou TÎ}Ç, 9tt/ltoor](; e li; xr\|v ^cûpttv TÛV r^paawûv [*e chegou à outra margem do mar, à região do Gerasenos*]). Em 5,2, temos um **novo personagem** (ttv9ptûnoç kv •rrveúu.ttTi, (XK(x9(ipT:Çi) [*um homem (possuído) por um espírito impuro*]).

A delimitação fica ainda bem marcada por dois outros fatores. Primeiro, bem ao seu estilo, Marcos **intercala** um milagre de Jesus, entre a partida de Cafarnaum (4,35) e a chegada à região dos Gerasenos (5,1). Segundo, há de se notar o **campo semântico** "mar": QKÀ.KOOK [*mar*}, ôlép^o^cu [*atravesso*}. Trepap [*margem*}, -iïÀ.oloil/ [*barco*}, ÀixUcciJJ [*tempestade de vento*}, dv^oç, [*vento*}, Kv\ia [*onda*}, T\ç>v[IVO. [*popa*}, YKÂT|VT| [*bonança*}.]

4. EXERCÍCIOS

Em nossa aprendizagem, não basta ter compreendido o conteúdo exposto. É preciso criar intimidade prática com ele. No caso dos critérios para a delimitação de um texto, podemos dizer que estamos começando a ter tal intimidade quando, ao ler um trecho qualquer da Escritura, conseguimos identificar os indícios de abertura e fechamento, sem que estejamos pensando nisso. Em outras palavras, quando essa percepção se toma espontânea. Para isso, nada melhor do que exercitar.

A seguir, propomos alguns textos. Não nos deixemos intimidar pelo grego e pelo hebraico. Caso não consigamos trabalhar com os originais, podemos utilizar uma tradução formal, sem deixar, porém, de procurar identificar os delimitadores no original:

Antigo Testamento: Gn 39. 1-6a; 2Sm 16.5-14; 2Rs 4,1-7; Is 21.1-10; 45.1-7

Novo Testamento: Mt 11,20-24; 26,6-13; Mc 1; Lc 6,1-11; Rm 11,16-24; Ap 3,1-6.

Além desses, que já conhecemos desde a Crítica Textual, podemos ver também: Ex 1-2; Jo 2; Ap 1-2.

5. BIBLIOGRAFIA

EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*. São Paulo, Loyola, 1994. pp.71-154.

STENGER, W. *Metodologia Bíblica*. Brescia, Queriniana, 1991. pp. 49-74.148-157.

FUNK, R.W. *The Poetics of Biblical Narrative*. Sonoma, Polebridge, 1988. pp. 99-132.

Capítulo 6,

Leituras sob o aspecto diacrônico -1

Crítica Literária, Crítica dos Géneros Literários e Sitz im Leben

O Zeca está em crise. O professor disse que, quando ele toca, todas as músicas parecem moda de viola, e que ele precisa aprender as diferenças entre os vários ritmos. Lá na Vila do Caapora, ele não precisava se preocupar com essas coisas: o que não era baião, era valsa, ou era música sertaneja. E, se não fosse nada disso, era rock! Mas agora, essa história de polca, barroco, rococó, ária... "Isso é um balaio de gato", como diria seu Januário, pai do Zeca.

Pois bem. O Zeca resolveu aprender. Emprestou uns discos e começou a ouvir melodias dos vários ritmos, agrupados segundo a classificação de cada um: primeiro, várias polcas; depois, melodias do barroco, e assim por diante. Não demorou muito e ele já conseguia distinguir um estilo do outro. E mais: ficou também sabendo em quais situações determinado tipo de música surgiu e era utilizada.

...E a Bíblia?

Será que, quando a lemos, levamos em consideração que podemos estar lidando com géneros literários distintos uns dos outros? Será que identificar as características formais dos textos bíblicos pode ajudar nossa leitura? Ou será que consideramos tudo a mesma coisa?

I. UM OUTRO TIPO DE LEITURA

Até agora, estudamos as perícopes em sua redação final, isto é, a formulação que chegou até nós. Com efeito, a leitura sincrônica não se questiona sobre a história do texto. Simplesmente procura compreender determinada perícopa em sua configuração atual: como se articulam as várias estruturas, o uso do vocabulário, a gramática e as figuras de linguagem. E, exceto no casos levantados pela Crítica Textual, até agora não nos questionamos sobre a integridade do texto.

Chegou, pois, o momento de investigarmos as etapas pelas quais passou o texto, desde sua primeira elaboração até a versão que temos em nossas edições críticas. Com efeito, os textos bíblicos não nasceram por mero gosto estético e, muito menos, isolados da vida palpitante de uma comunidade concreta, seja ela judaica ou cristã. Antes, as Escrituras foram geradas no ambiente comunitário, repleto de reflexões, de intercâmbios com outras comunidades, de vivências partilhadas e de desafios propostos por problemas concretos e situados.

Alguém, talvez, pergunte: É possível reconstruir "as fases da vida" de um texto?

A ciência bíblica desenvolveu, ao longo dos últimos séculos, passos metodológicos e critérios para recompor este processo. O complexo de tais passos e critérios compõe o chamado "Método Histórico-Crítico", e será exposto neste e nos dois próximos capítulos.

2. A CRÍTICA LITERÁRIA'

Começemos por uma distinção necessária: Crítica Textual e Crítica Literária. Embora sejam métodos de análise bem diferentes e com objetivos específicos, na prática, muitas vezes, se

Muitos exegetas, notadamente os da Escola Americana, distinguem entre "Crítica Literária" e "Crítica das Fontes". Tal diferenciação tem como base o seguinte princípio: a crítica literária preocupar-se-ia com um único texto,

sobrepõem. Por isso, convém deixar claro o que é próprio de cada um deles. A Crítica Textual procura reconstruir o texto tal qual saiu da mão do autor ou do último redator, isto é, o texto "original" (em alemão, *Urtext*). É, portanto, uma leitura "de trás para a frente", que parte de nós em direção ao redator final, a fim de elucidar as mutações que o texto escrito sofreu de lá para cá. A Crítica Literária, ao contrário, procura refazer o processo de formação literária, por meio da reconstrução das etapas anteriores à redação final. Para tanto, precisa distinguir os elementos que foram utilizados pelo último redator na conclusão de seu trabalho e com os quais este mesmo redator modificou um texto ou uma tradição oral que já existia anteriormente, e que é considerado a forma primitiva (em alemão, *Urform*). E contrariamente à Crítica Textual, a Crítica Literária pode ser realizada mesmo por quem não conhece o grego e o hebraico (embora isso não seja o ideal), pois basta ter sensibilidade ao texto e aplicar os critérios que serão apresentados a seguir.

Feitas essas observações iniciais, tratemos especificamente da Crítica Literária. Sabemos que a maioria dos textos bíblicos foram escritos "em mutirão", isto é, foram transmitidos e modificados ao longo das gerações, a princípio, oralmente. Sabemos também que cada geração adaptou, reformulou e enriqueceu tais textos, a partir de novas experiências. Por isso, é comum encontrarmos perícopes com duplicações ou, mesmo, incoerências.

A Crítica Literária dá, pois, especial atenção a tais repetições e incongruências, a fim de determinar, caso por caso, se estamos diante de um texto unitário, homogêneo, consistente e coerente, ou, ao contrário, diante de um texto composto, heterogêneo, inconsistente e incoerente. Como resultado, quer-se chegar à forma primitiva (*Urform*) do texto. Não podemos nos esquecer, porém, que há vários graus de interferência do redator

enquanto a Crítica da Fontes estudaria se elementos semelhantes ocorrem em outros textos e se é possível estabelecer uma cronologia, uma origem e uma estratificação comuns a eles. De nossa parte, deixaremos de lado tal distinção, uma vez que não conquistou unanimidade entre os estudiosos por revelar-se, por vezes, inoperante e com resultados por demais fundados em suposições.

final, isto é, há vários estratos redacionais, desde o acréscimo ou substituição de pequenos fragmentos, até unidades mais complexas, de um ou mais versículos².

2.1. Critérios para a Crítica Literária

Para nossa felicidade, nossos amigos exegetas não nos deixaram "no mato sem cachorro". Antes, estabeleceram alguns critérios que nos ajudam a detectar as intromissões dos redatores bíblicos³. Vejamos:

a) Duplicações e repetições que incomodam:

As mesmas informações tomam a aparecer na mesma perí-cope? (Jo 4,47 e 4,49; 4,50 e 4,53). Há repetição de palavras sem justificação no desenvolvimento lógico do texto? (Is 40,6e e 40,7d). O mesmo episódio é narrado mais de uma vez no mesmo documento ou livro? (Gn 1 e 2; Ex 3,1-12 e 6,2-13; os sinóticos).

b) Tensões e contradições evidentes:

Há incoerências lógicas e temáticas? (Gn 7,17 e 7,24; Gn 1,27 e 2,21.23).

² Convém fazer uma recomendação importante: a Crítica Literária seja feita somente depois da leitura sincrônica, a fim de não se começar já questionando a homogeneidade do texto. No entanto, não podemos deixar de observar que este particular constitui um motivo de querelas entre os estudiosos. Alguns dizem que a Crítica Literária é a primeira análise a se fazer, logo após a Crítica Textual. O estudo começaria, portanto, pelos fatores de incoerência e ruptura. Outros advogam que, antes de se questionar a unicidade de um texto, deve-se buscar os fatores de coerência, para não se cair na tentação de se ver apenas tensões. Cf. EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*. São Paulo, Loyola, 1994. pp. 160-161 e, em especial, a nota 19.

³ STRECKER, G. & SCHNELLE, U. *Einführung in die neutestamentliche Exegese*. 4. ed. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1994. p. 46; STECK, O. H. *Exegese des Alten Testaments*. 13. ed. Neukirchen, Neukirchener, 1993. p. 53; BRISEBOIS, M. *Dés Méthodes pour mieux lire la Bible - l'exégèse historico-critique*. Montreal, SOCABI-Paolines, 1983. p. 19.

c) Fraturas e lacunas na estrutura da frase e no desenvolvimento da ação:

A unidade é interrompida por uma digressão, um comentário ou uma observação secundária? (Mc 7,3-4; Js 14,15).

d) Elementos atípicos em relação a um determinado gênero literário⁴ :

Há intromissão de elementos que quebram o esquema comum a vários textos do mesmo tipo? (Mc 2,1-12).

e) Dados contraditórios:

O narrado corresponde às circunstâncias temporais, espaciais, culturais, sociais etc., nas quais é inserido? (Jz 9,2.6). Há anacronismos? (Gn 21,32.34). Há nomes e informações contraditórios para as mesmas pessoas ou situações? (Jz 8,31 e Jz 9,1.28; Jz 9,1-2 e Jz 6-8). Mudaram os personagens sem aviso prévio? As ações narradas se desenvolvem de forma lógica? (Ex 24,1-2.9-11 e 24,3-8.12-15a e 24,15b-18).

f) Linguagens e estilos diversos ocorrendo em um mesmo trecho:

Há alternância prosa-poesia? (ITm 3,16). Há alternância de imagens? (Is 11,1-5 e 11,6-8 e 11,9 e 11,10 e 11,11-16).

g) Contradições surpreendentes no conteúdo:

Os temas que aparecem são típicos desse autor? Embora não usuais, são encontrados em outros textos seus? Há incoerências quanto à teologia, ao ponto de vista, aos pressupostos, às conclusões? (Paulo é o autor da carta aos Hebreus? E das epístolas pastorais?).

Quando temos textos paralelos, tais como os evangelhos sinóticos, é fácil perceber as diferenças e as mudanças operadas em um texto. Quando, porém, estamos diante de um texto sem

paralelo ou duplicata, o trabalho da Crítica Literária toma-se mais difícil e exigente: Como, a partir de um único texto, evidenciar as tensões e as incoerências e, assim, detectar a intromissão de outro redator?

Além disso, convém lembrar que o mesmo autor pode ser por vezes incoerente. Convém igualmente lembrar que há vários graus de incoerência. Por isso, o exegeta deve estar atento em determinar qual tipo de tensão e de incoerência presente no texto deve ser considerada retoque de um eventual redator, em um período posterior ao autor original.

2.2. Um exemplo

Depois destas colocações metodológicas, deixemos a teoria e vejamos como tudo isso funciona na prática. Que encontramos em "nossa tempestade" (Mc 4,35-41)?

Começamos tomando contato com as perícopes que antecedem e sucedem nosso texto. A primeira coisa a se fazer, portanto, é uma leitura atenta dos capítulos 4 e 5, a fim de identificar eventuais repetições e contradições presentes nos versículos de nossa perícopa. Depois, leiamos também comentários abalizados, que dão especial atenção ao texto. Vamos, encontrar neles observações que correspondem aos critérios apenas expostos, ou que discutem a integridade da perícopa que estamos estudando.

Dessas leituras todas emergem algumas questões que podem ser agrupadas da seguinte forma:

a) Duplicações e repetições que incomodam:

4,35d	II	5,1.21; 6,45; 8,13	várias travessias do lago da Galiléia.
4,36c	II	4,1	Jesus já no barco II Jesus assenta-se no barco para ensinar.
4,36c-d	II	4,37b-c	o termo τὸ πλοῖον / [barco] é exageradamente repetido.
4,37b	II	4,37c	as ondas se lançam para dentro do barco II o barco fica cheio.

b) Tensões e contradições evidentes:

- 4,35 x 4,36b quem toma a iniciativa de atravessar o lago? Jesus ou os discípulos?
- 4,35a x 4,2.33-34 x 4,13.21 a quem se refere o pronome KUTOÏÇ [*a eles*] à multidão ou aos discípulos?
- 4,36a x 4,10 os discípulos despedem a multidão *ver-sus* os discípulos estão a sós com Jesus.
- 4,36cx4,10 Jesus está no barco *versus* Jesus está em um lugar à parte com os discípulos.

c) Fraturas e lacunas na estrutura da frase e no desenvolvimento da ação:

- 4,40 não seria mais lógico depois do v. 38?

d) Elementos atípicos em relação a um determinado gênero literário:

- 4,38d-f da parte de quem pede a intervenção do taumaturgo, em vez de uma repreensão, seria de se esperar uma súplica.
- 4,40 a repreensão pelo taumaturgo não pertence ao "relato de milagre".

Uma vez evidenciados os elementos perturbadores, devemos analisá-los mais acuradamente.

Em Marcos, Jesus faz várias travessias do lago de Genesaré: 4,35; 5,1.21; 6,45; 8,13. Trata-se de um *Leitmotiv*⁵ que perpassa a atividade de Jesus na Galiléia e, como tal, deve ser considerado redacional, isto é, uma interferência do redator ao aglutinar os relatos primitivos.

Ação ou esquema que se repete em diferentes textos de um mesmo autor ou livro, para os quais funciona como um Ho condutor; situação típica que gera diferentes episódios. Será estudado com maior profundidade no capítulo oitavo, ao tratarmos da "Crítica da Redação". No caso das travessias do lago de Genesaré, o *Leitmotiv* marcano foi mantido em Mateus, mas está ausente em Lucas.

Aliás, é de se perguntar: Quem tem a iniciativa de atravessar o lago? Jesus (segmento 35d) ou os discípulos (36b)? A Crítica Literária dirá que estamos diante de uma nítida contradição e pergunta: se a decisão foi de Jesus, por que ele próprio não despediu a multidão, deixando tal encargo para seus discípulos (36a⁶)?

A oração CJÇ rjv kv TU TTÀOLCÛ [*como estava no barco*] (36c), ao mesmo tempo em que repete a informação de 4,1, segundo a qual Jesus está no barco, opõe-se a 4,10, que afirma estar Jesus a sós com seus discípulos. Com efeito, deparamo-nos com uma inconsistência do capítulo 4 de Marcos, visto que o ensinamento ao povo continua posteriormente ao ensinamento a sós com os discípulos. Os estudiosos concordam que, em 4,10, inicia-se uma digressão em meio ao discurso parábólico; mas ainda não se chegou a uma unanimidade quanto ao término de tal digressão: Quando Jesus está novamente falando à multidão? No v. 21 ou no v. 26? Com efeito, o v. 36 supõe que Jesus ainda esteja falando a um público bem mais numeroso. Igualmente o sumário dos w. 33-34 encerra o agrupamento de parábolas do cap. 4 e delimita o texto anterior, deixando a entender que até então Jesus falava à multidão.

E ainda mais: A quem Jesus se dirige em 35a? Aos doze (que estariam com ele no barco) ou à multidão? Notemos o uso indistinto de *amole*, [*a eles*] em todo o cap. 4: no v. 2, refere-se, com certeza, à multidão; no v. 11, com igual segurança, podemos dizer que se refere aos doze; os estudiosos admitem que, no v. 13, também se refira aos doze. No entanto, há quem defenda que, no v. 21, Jesus já esteja novamente falando à multidão. E, sem sombra de dúvida, os dois (XUTOLÇ [*a eles*] dos w. 33-34 também se referem à multidão. Tal inconstância provoca certo incômodo a quem atentamente lê o texto no original. Não se sabe quando Jesus está diante da multidão e quando está a sós com seus discípulos mais próximos.

Em outras palavras, nossa questão é: (a) se consideramos a informação de 4,10 como precisa, então Jesus não pode estar no barco, conforme afirma 36b. E ainda, se Jesus já está a sós

Convém lembrar, C((J)ÉVTCC é nominativo plural: *tendo ELES despedido*.

com os doze, não há necessidade de despedir a multidão (35a). Doutra parte, (b) se considerarmos 4,10-20(25) como um acréscimo incoerente, isto é, se Jesus ainda se encontra sentado no barco falando a um grande público, temos em ὡς ἦν [como estava] uma repetição perturbadora.

Isso tudo nos leva a considerar a ordem de Jesus (v. 35), a despedida da multidão (36a) e a referência Λῦç ρῖν [como estava] (36c), todos eles como acréscimos marcados e inexistentes no relato primitivo, que, por sua vez, começaria assim: ΤΤτpttÀoqípctvoíxHv a.vtbv kv TU ΤΤÀOLCÛ [tomam-no consigo no barco].

Outra repetição que não deixa de incomodar é vXolov [barco]. A insistência em tal termo, principalmente em 37b-c, teria o objetivo de chamar nossa atenção para o barco de Jesus. Se isso for correto, estamos diante de outra interferência do redator.

E não menos perturbadora é a observação κύορε •qôn Yq-uÇeoOcti TO ΤΤÀOLOV [a ponto de já ficar cheio o barco] (37c), que parece ser um comentário secundário a 37b e, portanto, não presente no relato primitivo.

Neste ponto, devemos responder à seguinte questão: E os outros barcos de 36c? Por que desapareceram? Teriam afundado?

Quanto a isso, a crítica literária faz a seguinte observação: se fosse um acréscimo marcado, esses outros barcos teriam uma função no texto estudado ou no contexto próximo, a exemplo de οἱέÀQcoi-iev ἘΛÇ TO -ἰῖépttv [atravéssemos para a outra margem]. Mas isso não acontece, e ficamos duplamente intrigados: não só esses demais barcos deixam de ser citados, como não desempenham nenhuma função no relato. A crítica literária irá, então, considerar a informação de 36c como de origem tradicional, isto é, ela já estaria presente na forma primitiva do relato e que Marcos teria conservado⁷.

Outro versículo que se apresenta de forma bastante incômoda é o v. 40, que introduz um elemento estranho à dinâmica do texto, isto é, um elemento que parece não ter sido o tema que deu origem ao relato e nem mesmo a tese que o relato quer

As ausências desses outros barcos nas versões de Mateus e Lucas será explicada pela Crítica da Redação como uma "omissão".

defender⁸. Além disso, sua colocação atual pode desviar nossa interpretação e nos levar a considerar que o medo dos discípulos (v. 41) é provocado pela repreensão de Jesus. Contudo, ao estudarmos a estrutura "os sujeitos e suas ações", havíamos afirmado que os discípulos ficam amedrontados porque o vento e o mar obedecem a Jesus. E afirmáramos ainda que o v. 41 deveria estar diretamente ligado ao v. 39, por ser a consequência lógica deste. Além disso, não seria mais coerente da parte de Jesus criticar a falta de fé dos discípulos antes de realizar o milagre, isto é, repreender os discípulos enquanto se levanta? Isso tudo nos leva a afirmar que a inserção deste versículo neste ponto da narrativa é mais uma interferência do redator final do Evangelho.

Além disso, deve-se mesmo questionar o porquê de tal comentário da parte de Jesus. Conforme veremos mais adiante, ao abordarmos os gêneros literários, não cabe no esquema dos relatos de milagre uma objeção ou reprimenda da parte do taumaturgo. Este simplesmente atende ao pedido que a ele é endereçado. Estamos diante de um elemento atípico a essa classe de textos: a repreensão de Jesus aos discípulos, portanto, deve ser considerada também de origem marcana.

E já que falamos em gênero literário, que dizer dos segmentos 38d-f? O relato de milagre deveria conter uma súplica, e não uma repreensão da parte dos doze. Também neste ponto o redator final modificou o relato primitivo e transformou um pedido de socorro em uma querela entre Jesus e seus discípulos. A fórmula primeira talvez fosse somente *ὁ ἰσχυρὸς ὢν*, *O To À À Ú p. e Ott* [*Mestre, estamos perecendo!*].

E então, como fica o texto?

Se eliminarmos os elementos que consideramos intromissões do redator, obteremos uma narrativa mais fluente. Talvez seja esta a versão que Marcos usou como fonte.

Para definições e distinções entre tema e tese, cf. o capítulo sétimo, mais à frente.

lIttpttÀttLIpttVOUOLV ttUTOV kv TO ĩĀOLró, KttL ttÀÀtt TTAOLtt
fV |J,ÉT' ttŪTOŪ.

KttL YLveittL ÀttUtt^ |i^a|r| ttveLiou,
KttL Ttt KU[-lItTtt èĭĭepttUei/ çLç TO TTÀOIOV,
KttL (xŪTòç rjv kv -cri npŪLivri
ètTL TO 7TpOOKe4)ttÀttLor
KttOeúôcŭv.
KttL èVÉLpOIJOLV ttUTOV KttL ÀéyODOLr ttUTCú,

ÀLÔttOKttÀe, ttiToUuLi.eOtt. KKL ÔLëYÉpOeLÇ
ÉTTeTLLIT|OÉV TCJ ttI^LICú
KKL eLĭier Tf| 6ttÀttoor|,
SLOJĭtt,
TTe())LLItOOO.

KttL èKÓTTttOÉV Ó ttL'e|-IOç
KttL èvé^eTO yu.kr\vr\ [I^Á^ KKL è(j)opr|9r|attr (|)ópov |i^o.v Kttl
'eÀeYov TTpòç ttÀÀ.r|À.ouç,
TLç ttptt OUTÓç WtW OTL KttL Ó ttVeliOç KttL T] 9ttÀttOOtt
UTTttKOUeL ttUTQ);

*[Tomam-no consigo no barco,
e havia outros barcos com ele.
E acontece grande tempestade de vento
e as ondas lançavam-se para dentro do barco.
E ele estava na popa,
sobre o traveseiro,
dormindo.
E despertam-no
e dizem a ele:
"Mestre,
estamos perecendo!
E, tendo-se levantado,
repreendeu o vento
e disse ao mar:*

*"Fica quieto!
Fica amordaçado!"
E o vento cessou
e aconteceu grande bonança.
E ficaram muito amedrontados
e diziam uns aos outros:
"Quem é este, afinal,
pois até o vento e o mar obedecem a ele?"*}.
}

2.3. Uma observação importante

Talvez o leitor se assuste e pense: "Corta aqui, corta lá... Quase não sobra texto nenhum para continuarmos estudando..."

Não precisamos, entretanto, ficar desesperados. É apenas um susto inicial. Talvez não estejamos ainda preparados para sozinhos fazermos esse tipo de análise. Isso é mais que natural. Bem mais que as leituras sob o aspecto sincrônico, as leituras sob o aspecto diacrônico exigirão de nós muita humildade diante do texto. Mas também coragem para estudá-lo mais profundamente. Por isso, não desistamos!

Por outro lado, não nos aventuremos a ser "franco atiradores" e começar a dissecar textos, sem consultar quem já há muito tempo está fazendo crítica literária, isto é, os exegetas. Em outras palavras, aproveitemos da imensa quantidade de comentários que trabalham este e os demais passos do Método histórico-crítico, pois, como observa Stenger, uma "relativa segurança" só virá com muitos anos de prática. Este especialista chama, ainda, a atenção para as divergências entre os exegetas de profissão: embora usem os mesmos critérios, chegam a conclusões diferentes! Como o próprio Stenger afirma, caminhamos sobre uma "sutil camada de gelo" e as soluções propostas permanecem hipotéticas⁹.

Mas isso não quer dizer que não devamos abordar questões tão desafiadoras. Antes, tal afirmação deveria nos encorajar a colaborar no esforço de reconstruir a caminhada do texto bíblico, desde o momento de sua concepção primitiva até sua sedimentação nas edições críticas.

STENGER, W. *Metodologia Bíblica*. Brescia, Queriniana, 1991. pp. 81-82.

2.4. Exercícios

Recordamos as recomendações já dadas anteriormente: começar lendo os capítulos ao redor daquele que estamos estudando; depois, consultar comentários exegéticos, isto é, que dêem relevo ao texto (comentários meramente teológicos ou pastorais não servem para esta finalidade); por fim, reler a perícopes a partir dos critérios da crítica literária. Sabemos que os resultados não serão imediatos. Por isso, deixamos três regras para que o trabalho progrida: rever, rever, rever...

Os textos que já estudamos nos reservam muitas surpresas. Não necessariamente todos os textos serão compósitos, muitos são unitários. Chegar a tal veredicto, eis o trabalho da crítica literária.

Antigo Testamento: Gn 39,1-6a; 2Sm 16,5-14; 2Rs 4,1-7; Is 21,1-10; 45,1-7

Novo Testamento: Mt 11,20-24; 26,6-13; Mc 1; Lc 6,1-11; Rm 11,16-24; Ap 3,1-6.

Alguns textos novos, com certeza, compósitos: Gn 7,17-24, 50,22-26; Jo 4,46-54; At 5,12-16.

Mas, lembremo-nos de que a Crítica Literária não estuda apenas perícopes isoladas, mas também o conjunto de um livro ou obra. Por isso, comparemos alguns textos: Gn 12,10-20 com Gn 20,1-18; ISm 31,1-13 com 2Sm 1,1-16; SI 14 com SI 53.

3. CRÍTICA DOS GÊNEROS LITERÁRIOS

Desde os primeiros decênios do século XX, um grupo de exegetas, em base às conclusões trazidas pela Crítica Literária, começou a comparar textos formalmente semelhantes, mesmo se tais textos apresentassem diferenças quanto a seu conteúdo. O precursor desse trabalho foi Hermann Gunkel, que realizou estudos nos livros de Gênesis e Salmos. Segundo esse estudioso, em culturas eminentemente orais (tal qual o antigo Israel), diferentes gêneros literários indicam diferentes contextos sociais. A partir desse pressuposto, Gunkel estabeleceu os princípios básicos de

um método que denominou "Crítica dos Géneros (Literários)" (em alemão, *Gattungsgechichte*)¹⁰ e cujo trabalho consiste em:

- a) determinar a estrutura formal de um texto;
- b) comparar tal texto com outros estruturalmente semelhantes, a fim de identificar o Género Literário;
- c) determinar em que situação concreta esse Género Literário era usado (*Sitz im Leberí*);
- d) determinar a finalidade desse Género Literário e, especificamente, do texto estudado.

Nesse tipo de leitura, portanto, o aspecto formal tem proeminência sobre o aspecto contenenístico, isto é, os textos são agrupados e abordados segundo os elementos de sua estrutura

¹⁰ Notemos que Gunkel utiliza o termo "*Gattung*" (*género*). A expressão "*Formgeschichte*" (História das Formas) surgiu, pela primeira vez, em um estudo de M. DIBELIUS, *Formgeschichte des Evangeliums*, de 1919. Quanto ao uso de *Gattung* e *Forni* nas Ciências Bíblicas, devemos notar que os estudiosos de língua inglesa falam mais frequentemente em *Form Criticism* (Crítica das Formas), enquanto a escola alemã, mais dada a minúcias e distinções teóricas, utiliza, embora de forma muito disputada, *Gattung* para "designar entidades literárias maiores, tais como evangelho, epístola, apocalipse, escrito histórico etc.", e *Form* para "denotar unidades literárias menores que surgem primariamente, mas não exclusivamente, na tradição oral". Ainda falando da escola alemã, com os novos enfoques trazidos pelo estruturalismo, particularmente aplicado ao Antigo Testamento, o termo *Form* passou a ser usado "em referência a textos individuais", enquanto o termo *Gattung* para designar "seja a um modelo ou esquema estrutural (*Strukturmuster*) envolvendo no mínimo dois exemplares, seja a um texto-tipo" (cf. SOULEN, R. N. *Handbook of biblical criticism. 2 ed.* Atlanta, John Knox, 1981. pp. 75-76). Em decorrência desta última distinção, a Crítica das formas pertenceria à leitura sincrônica, porque estuda o aspecto específico de um único texto, ao passo que a Crítica dos Géneros Literários pertenceria à leitura diacrônica, pois insere o texto em um grupo ou uma família. No entanto, convém repetir, tais distinções todas não são unanimemente aceitas, nem pelos alemães, nem pelos estudiosos de língua inglesa. O resultado é uma não-uniformidade na terminologia. Assim, o catálogo dos Géneros Literários normalmente se encontra nos capítulos referentes ao método "Crítica das Formas". Cf. ainda, STENGER, op. cit., pp. 72-74.88; BARTON, J. Porm Criticism (OT). In: FREEDMAN, D.N., (ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. DoubleDay, New York, 1992. v. 2. pp. 838-841.

formal, e não segundo seu conteúdo, isto é, segundo sua estrutura semântica. Esta última fornecerá elementos para complementar o trabalho exegético realizado a partir da estrutura formal, ou suprirá lacunas que o estudo do Género Literário deixou em aberto.

Por outro lado, cada texto tem suas particularidades. O modelo estrutural que designamos Género Literário não existe na realidade. É, antes, o resultado de uma abstração, baseada no confronto de textos formalmente semelhantes. Em outras palavras, um esquema reduzido aos elementos essenciais, obtido através da comparação de, no mínimo, dois casos concretos.

Apesar da designação Género "Literário", não se trata de modelos que já nasceram escritos. Antes, surgiram oralmente, na vida quotidiana de um grupo social. Também nós temos vários, ainda hoje: boletim de ocorrência de uma delegacia de polícia, convite de casamento, choro das carpideiras em velório etc. Notemos que as características de um não se encaixam nos demais.

Acabamos de afirmar que a origem dos Géneros Literários é oral. Isso porque eles...

- ... têm uma função específica, isto é, existem para atender às necessidades do grupo;
- ... não possuem pretensões estéticas;
- ... geralmente são breves;
- ... têm uma tendência à padronização, isto é, seguem um modelo básico.

O que é para nós, hoje, um texto, surgiu como um discurso, para cumprir uma função na vida da comunidade, a saber, oferecer pistas para a comunidade encontrar respostas em meio a situações específicas.

3.1. Géneros literários bíblicos

"Ler é mais importante do que estudar". Uma leitura cor-reta de qualquer texto bíblico nos levará, antes de mais nada, a fazer algumas distinções, por vezes, espontâneas: Estamos dian-

te de um texto em prosa ou em poesia? Trata-se de um relato ou de um discurso? Com isso, estamos praticando um primeiro exercício de distinção entre os Géneros Literários. As respostas a tais perguntas nos oferecem a orientação elementar para classificarmos o texto. Mas, como acabamos de afirmar, são distinções espontâneas. O trabalho científico começa depois.

Nossos amigos exegetas já realizaram um precioso trabalho de ordenação e catalogação, do qual podemos e devemos lançar mão. Uma boa exposição do assunto, não trará somente o esquema do Género Literário em questão. Mais que isso, discutirá também o contexto existencial no qual, provavelmente, tal Género Literário era utilizado, bem como sua finalidade. Manuais de metodologia procurarão identificar dentro de cada tradição bíblica (histórica, profética, sapiencial, apocalíptica etc.), quais os Géneros Literários que lhe são típicos.

Mas, cuidado! Dizer que determinado Género Literário é típico de determinada tradição não significa dizer que é exclusivo dela. Há alguns que perpassam toda a Sagrada Escritura. Igualmente, pode acontecer uma justaposição de Géneros Literários dentro da mesma perícopé. Com efeito, lembremo-nos: o Género Literário puro existe só na abstração; quando aplicado e inserido em um contexto, sofrerá influências e alterações.

Vejamos, pois, algumas das informações que os estudiosos já sistematizaram ao longo dos anos. Normalmente, nós as encontramos em publicações (metodologias, introduções e comentários) que dão especial enfoque ao aspecto literário. Como não podia deixar de acontecer, a terminologia, as subdivisões e a classificação dos textos variam de autor para autor. Além das divergências metodológicas, some-se outro fator: a enorme variedade do material a ser estudado. Apesar dos grandes avanços dos estudos, ainda não temos uma publicação que catalogue, analise e sistematize todos os Géneros Literários, tanto do Antigo como do Novo Testamento".

Para o Novo Testamento, uma exposição abrangente, embora complexa, encontra-se em BERGER, K. *As Formas Literárias do Novo Testamento*. São Paulo, Loyola, 1998. Mas falta-nos algo semelhante para o Antigo Testamento.

De nossa parte, como nosso objetivo é fornecer ferramentas para o trabalho exegético, apresentaremos alguns deles. Nossa apresentação, portanto, será sumária. Os casos que abordaremos estarão agrupados segundo a tradição da qual são mais típicos. Para cada tradição, indicaremos a bibliografia consultada, que servirá para um aprofundamento do assunto.

3.2. Antigo Testamento

3.2.1. *A tradição histórica*¹²

A esta tradição pertencem os relatos que querem dar a conhecer a ação de Deus na história de Israel. Não são narrativas de fatos reais, e sim releituras teológicas: sobre um fato real, constrói-se uma história que o interpreta e atualiza.

A) **Novela**

Como qualquer relato histórico, o tempo da novela é o passado. Não se trata de um acontecimento isolado, e sim uma série deles. Além disso, não são acontecimentos públicos, mas fatos da vida pessoal e privada de um personagem, seus sentimentos e suas reações. Na realidade, tais fatos são importantes porque estão diretamente relacionados ao povo: O que significa tal personagem para a comunidade israelita? A trama se desenvolve em três tempos:

mento. E devemos ainda notar: a quase totalidade dos Géneros Literários utilizados pelos autores neotestamentários já se encontravam no Antigo Testamento e na própria tradição judaica.

¹² ARENHOEVEL, D. *Assim se formou a Bíblia*. 2. ed. São Paulo, Papius, 1978. pp. 102-109; COATS, G. W. (ed.). *Saga, Legend, Tale, Novella, Fable*. Sheffield, Sheffield Academic Press, 1985; SCHUSSLER-FIORENZA, E. Exemplificação do método exegético. In: SCHREINER, J. (ed.). *Palavra e Mensagem*. São Paulo, Papius, 1978. pp. 512-515; SCHREINER, J. Formas y Géneros Literários en el Antiguo Testamento, In: ____, (dir.). *Introducción a los Métodos de la Exégesis Bíblica*. Barcelona, Herder, 1974. pp. 257-262; SELLIN, E. & FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*. 1. ed. São Paulo, Papius, 1983. v. I. pp. 103-120.

- início: uma situação de conflito ou tensão;
- meio: o conflito se complica cada vez mais;
- fim: resolução do conflito e esvaecimento das complicações.

Algumas novelas do AT: a história de José (Gn 37; 39-48; 50), a narrativa primitiva que serve de inclusão para o livro de Jó (1-2; 42,7-17), o livro de Rute.

B) Narrativa histórica

O leitor moderno talvez preferisse colocar o termo "históricas" entre aspas, visto que a noção de história, no universo bíblico, não corresponde à moderna ciência homônima. Com efeito, a historiografia bíblica não é científica e menos ainda neutra (se é que possa existir uma apresentação histórica neutra). É uma história interpretada e interpretante: não se interessa por informar, de modo objetivo, os acontecimentos; antes, ao mesmo tempo em que reporta o fato, fornece critérios para dele colher a significação¹³. Nessas narrativas, portanto, encontramos um jogo linguístico, no qual aparecem elementos objetivos (os fatos mensuráveis) mesclados a elementos ideológicos ou teológicos (a interpretação religiosa): ISm 18,10-16 (elemento objetivo: w. 10b-11.13.16; elemento ideológico: w. 10a.12.14-15); 2Sm 5,6-12 (elemento objetivo: w. 5-10a.11; elemento ideológico: w. 10b.12); IRs 16,23-26 (elemento objetivo: w. 23-24; elemento ideológico: w. 25-26).

C) Saga:

Nos relatos mitológicos, os personagens são deuses e, muitas vezes, interagem com os homens. À fé javista faltaram os

¹³ GONZALEZ LAMADRID, A. *As tradições históricas de Israel*. Petrópolis, Vozes, 1999, pp. 10-14, define a historiografia bíblica como uma história sagrada, com as seguintes características: confessional (narrada do ponto de vista da fé); querigmática (não só um relato dos fatos, mas também suas significações); interpelante (não somente informar, mas também questionar o leitor), profética (lê os acontecimentos profeticamente), escatológica (linear, rumo ao encontro pleno e definitivo com Deus); salvífica (não verdades científicas, mas de salvação).

requisitos indispensáveis para a formulação de mitologias: politeísmo e magia. Isto, no entanto, não deixou Israel isento de sofrer a influência da mentalidade mítica. Pois, sendo "algo que nunca houve mas que sempre é", o mito é a categorização de uma visão de mundo. Gn 1-11 está eivado de elementos míticos.

Por outro lado, quanto mais se abandonaram os relatos mitológicos, mais se adotou a saga, narrativa sobre um fato extraordinário (as façanhas de um herói ou a história de um lugar ou de uma coisa), contada e recontada oralmente durante muito tempo e que, posteriormente, foi redigida. Nesse período de tradição oral, a saga adquiriu uma linguagem exuberante e poética, que acentua, por meio de um forte apelo emocional, a importância do que está sendo contado. A saga quer explicar determinadas situações presentes a partir de acontecimentos passados.

Dentre os vários tipos de saga, destacamos:

a) Saga de uma tribo ou de um povo:

Narra a história de um ancestral, real ou fictício, cujos traços essenciais e cujo destino se prolongam em seus descendentes. É muito comum nos relatos do período dos patriarcas. Dentre elas, podemos citar a bênção e a maldição dos filhos de Noé (Gn 9,20-27), bem como a adoção de Efraim e Manassés por Jacó (Gn 48).

b) Saga de um herói:

O centro do relato é um herói (personagem positivo) ou um vilão (personagem negativo). O contexto vital que fez surgir e se desenvolver esse tipo de saga parece ter sido o período dos confrontos de Israel com outros povos, desde a saída do Egito, passando pela conquista da Terra Prometida, até a consolidação do reino de Davi diante dos povos vizinhos: vitória sobre os amalecitas (Ex 17,8-16), vitória sobre os reis amorreus (Js 10), Davi e Golias (ISm 17.1-54)¹⁴, Davi e Saul (ISm 26).

¹⁴ Sobre esse episódio em particular, não podemos deixar de perguntar: Afinal, quem matou Golias? ISm 17,1-54 contrasta com 2Sm 21,19, segundo o qual o herói que derrotou e degolou o gigante filisteu foi Elcanã. Parece

c) Saga de um lugar:

Esse tipo de relato quer explicar a origem de um lugar, de uma cidade, ou de uma particularidade impressionante — tal como a cidade e a torre de Babel (Gn 11,1-9) ou a origem e a esterilidade do Mar Morto (Gn 19,1-29) — e apresenta um caráter fortemente etiológico (explicam a origem e o nome de coisas e lugares). Mas, os estudiosos chamam a atenção para o seguinte: é necessário distinguir entre as narrativas compostas em seu todo como uma etiologia (tal como Gn 21,22-31: os vv. 22-30 foram gerados a partir da etiologia presente no v. 31) e narrativas com apêndices ou acréscimos etiológicos¹⁵ (Ex 2,1-10: no v. 10, a filha do Faraó egípcio conhece filologia hebraica!)¹⁶.

D) Lenda

Tida por alguns como uma variante do gênero saga, a lenda caracteriza-se pelo santo e imitável. Não há uma descrição do cenário, realça-se a oposição entre pessoas e atitudes, a linguagem é edificante e privilegia o milagroso e a ação vitoriosa de Deus. No centro da narrativa pode estar um profeta ou um local de culto.

a) Lenda pessoal:

O protagonista é uma figura religiosa (profeta, sacerdote ou mártir), apresentado como exemplar, alguém chamado e possuído por YHWH. Tal tipo de narrativa visa formar discípulos ou arregimentar devotos. As poucas **lendas sacerdotais** ou criti

que temos aqui um típico caso de transferência: uma façanha fenomenal, mas realizada por um herói desconhecido, é transposta e creditada para alguém mais famoso, a fim de engrandecer ainda mais este último, I Cr 20,5 tenta harmonizar os dois textos e atribui a Elcanã a morte de Lami, filho de Golias.

Cf. no capítulo oitavo, à frente, os critérios para a crítica da redação.

Há estudiosos que não gostam da expressão "saga etiológica" e preferem distinguir saga e etiologia. Para eles, a saga é uma narrativa que caminha do passado para o presente de quem a redigiu; enquanto a etiologia parte do presente do redator para o passado, isto é, para a causa (ixi.Ti.ct em grego).

cam a instituição (1 Sm 2,12-17) ou querem legitimar o direito dos sacerdotes (Nm 16,16-26). Em Dn 1-6 e 2Mc, encontramos diversos exemplos de **lendas dos mártires**. Surgidos no contexto da helenização e da opressão selêucida, tais relatos visam encorajar o judeu piedoso em um tempo de perseguições. Propositadamente, deixamos por último a **lenda profética**. Nela, a palavra do profeta ou homem de Deus é eficaz e capaz de transformar-se em acontecimento quando pronunciada (novamente, a noção de "ato perlocucionário"). Maciçamente utilizada nos ciclos de Elias (IRs 17,7-16.17-24) e Eliseu (2Rs 2,19-22.23-24; 4,42-44), a lenda profética possui um esquema básico facilmente identificável:

- | | | |
|---|----------------------|-----------------------------------|
| | 2 Rs 2,19-22 | 2Rs 4,42-44 |
| • uma situação de crise | (v. 19) v. 19 | v. 42 |
| • súplica pela intervenção do profeta | | |
| • dúvida sobre a capacidade para realizar o milagre | v. 20 v. 21 v. 22 | v. 43a (os pães) v. 42b;43b v.44b |
| • instrumentos para realizar o milagre | | |
| • palavras durante a realização do milagre | | |
| • efeito produzido | | |
| • consequências | 22 (até hoje) v. 44c | |

b) Lenda de santuário:

Também é um relato a respeito de determinado lugar; mas, diferentemente da saga, quer explicar por que tal santuário é considerado sagrado. Em geral, descreve uma manifestação de Deus naquele posto (Gn 16,7-14; 28,10-22).

c) Lenda cultural:

Esse tipo de narrativa quer justificar a prática de determinado culto ou rito: uma imagem de serpente no Templo de Jerusalém (Nm 21,4-9), a circuncisão (Gn 17; Ex 4,24-26; Js 5,2-9).